

está o obstáculo degradante de botarmos fogo em canaviais, aqui no Estado do Rio e o povo brasileiro sem açúcar! É o monopólio, o monopólio, o ligopólio, em síntese, a falta de seriedade na administração pública que tomou corpo de coisa séria. Criticar isso é incorrer no risco de morrer na primeira esquina, ou ser chamado de agitador.

Mas, a verdade é esta: não querem, Sr. Deputado Emival Caiado, a mudança da Capital. Esta Constituição — pode-se aplicar aforismo de Zeus — é como tela de aranha: só serve para prender mós-cas...

Ainda há pouco, debaixo desta Constituição vimos Deputados colegas nossos, esbordados na praça pública. Suas equimoses aí estão a envergonhar a Nação e o mundo. Os seus espancadores ainda receberam prémios como solidariedade e homenagem da Câmara aos que a ofenderam. No semblante de cada Deputado, no rosto, nos olhos de cada um pode-se ler, na linguagem do olhar, que é o reflexo da linguagem do olhar do povo. Maus sinais. É o que se sente em qualquer pessoa com quem se converse. Vai tudo mal. Os prognósticos são péssimos. Tem-se a impressão de que esse processo político e esta gente sepultam mesmo o Brasil numa noite tenebrosa (*Muito bem; muito bem. Palmas*).

Durante o discurso do Sr. Tenório Cavalcanti o Sr. Godói Ilha, 2.º Vice-Presidente, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Leonardo Barbieri, 2.º Secretário.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o Sr. João Machado.

O SR. JOÃO MACHADO — * — Sr. Presidente, venho de regressar da Bolívia, como integrante de uma comissão nomeada para representar, juntamente com o Presidente desta Casa e outros colegas, o Governo nas solenidades de posse do

* Não foi revisto pelo orador.

novo Presidente daquele país amigo. Sem referir-me às atribuições que nos foram conferidas, apenas assinalo a minha ausência do país para dizer que não contava, nesta sessão noturna de hoje, encontrar na Ordem do Dia, um projeto que tanto interessa ao povo brasileiro, bem como aos representantes do Distrito Federal: o da mudança da Capital da República para o interior.

Cabrerá ao ilustre Presidente da Casa, Deputado Ulisses Guimarães, no seu regresso o que se efetuará na próxima segunda-feira, apresentar o resultado da incumbência que me foi confiada.

Sr. Presidente, discutindo o projeto de mudança da Capital Federal, desejo fazer ligeiras considerações para confirmar a atitude que mantivemos e sustentamos ainda hoje, de todo favorável. Desde que eleito, pela primeira vez, para representar o povo carioca na Câmara de Vereadores, considere a mudança da Capital da República um problema de ordem nacional e depois, então, a autonomia ao Distrito Federal, não deveria ser motivo de preocupação dos cariocas, que, pelos seus representantes — e esta, penso, é a opinião de quase todos — compreendem a necessidade de interiorização da capital para o Planalto Central.

Ouvimos, ainda há pouco, o discurso proferido pelo ilustre Deputado Tenório Cavalcanti, como temos ouvido freqüentemente, referências ao Distrito Federal, quando se discute projeto de tamanha importância para todo o País.

Relega-se assim, uma questão desta natureza, tão importante, para se focalizar aspectos da administração do Distrito Federal, com um quase absoluto desconhecimento de problema que tanto deveria empolgar os brasileiros e os representantes dos Estados.

Seria, sem dúvida, muito mais interessante que se procurasse, numa oportunidade como esta, com dados conhecidos, mas não suficientemente divulgados, demonstrar que o

— 83 —

problema da mudança da capital para o interior do País, é, realmente básico para o Brasil. Assim, não deve ser motivo de preocupação de política local desta ou daquela unidade da Federação. Ao contrário urge examiná-lo sob seus aspectos fundamentais e que atingem a toda a Nação Brasileira.

Ainda há pouco referi-me à visita que fiz ao país vizinho e amigo. Tive oportunidade de conversar, na Bolívia, com alguns representantes de países sul-americanos que, sabedores de que se pretendia mudar a Capital do Brasil para o Planalto Central de Goiás, consideraram o fato, não apenas de interesse para o Brasil, mas de toda a América do Sul, porque o fortalecimento do pan-americanismo, obra realizada por tantos estadistas, seria realmente uma consequência da interiorização da nossa Capital, de vez que, além de consultar a fundamentais interesses da Pátria Brasileira, pretendia também ao elevado objetivo de toda a América.

O Sr. Fonseca e Silva — Permitta-me o nobre orador. Sr. Deputado, em que pese a admiração que, posso dizer, esta Casa e eu temos para com V. Exa., quero ressaltar alto e bom som — e penso que interpretado o pensamento da representação goiana, o modo com que V. Exa. está encarando este problema, que é constitucional. O problema não é de Goiás; é do Brasil.

O SR. JOÃO MACHADO — V. Exa. tem toda a razão.

O Sr. Fonseca e Silva — É com este espírito que desejo ressaltar o critério de V. Exa., que nos vem confortar, não só a nós Deputados de Goiás, mas aos da hinterlândia brasileira. Pela demonstração desse critério altivo, ponderado, sábio e prudente desejo agradecer a V. Exa. em nome de toda a representação de Goiás, talvez em nome de todos os representantes do Brasil Central e — quem sabe? — de todo o Brasil.

O SR. JOÃO MACHADO — Agradeço a V. Exa. o aparte com que

ilustra o pequeno discurso que estou fazendo a propósito da mudança da Capital para o interior do País.

Devo dizer que nós, representantes do povo carioca e do Distrito Federal, jamais negamos nosso apoio, nosso concurso aos problemas que realmente interessam a toda a Nação, embora sejamos em determinadas ocasiões criticados e incompreendidos e até vítimas de profundas e lamentáveis injustiças por parte de alguns mandatários do povo nesta Casa — e por que não dizer? — por parte daqueles que têm o dever de orientar a opinião pública, através da imprensa e do rádio. Somos responsabilizados pelos erros, desacertos e insucessos da administração do Distrito Federal e inclusive, não somos compreendidos quando procuramos defender esta unidade da Federação, à qual atribuem todos os males do Brasil, como já se disse por mais de uma vez da tribuna da Câmara dos Deputados. Não obstante, todos os representantes do povo carioca comungam com a mesma opinião de que os problemas do Brasil devem ser colocados em plano muito mais alto do que aqueles em que se encontram os problemas do Distrito Federal.

Este o critério que deveria ser seguido pelos representantes de todos os Estados. Mas, não me sinto com a autoridade necessária para falar em nome de São Paulo e de Minas Gerais. Poderia falar, quando muito, em nome do povo paulista ou do povo mineiro. No momento, cabe-me apenas defender, tanto quanto possível tanto quanto as minhas forças o permitirem, a delegação honrosa que me confiou o povo carioca.

Temos sido vítimas por muitas vezes da incompreensão e da injustiça de alguns representantes de outros Estados, mas jamais nos esquecemos das angústias, das dificuldades e dos problemas de todo o Brasil. Temos defendido os deputados cariocas desta Casa, todas as

— 84 —

medidas pleiteadas para minorar as dificuldades do povo brasileiro, seja do Norte, do Centro ou do Sul, não obstante aquelas incompreensões e injustiças a que me referi.

Senhor Presidente, não quero sem dados precisos, que me faltam no momento — pois, como disse, fui tomado de surpresa com a discussão do projeto — mas que apresentarei em outra oportunidade, em que ocupar a atenção de meus ilustres colegas. Desejo, no entanto reafirmar que tão logo me seja oferecido o ensejo, procurarei demonstrar que o Distrito Federal é uma Unidade da Federação que dá, que produz e realiza não só em seu benefício, como em benefício de todo o Brasil. Tentarei mostrar que a administração do Distrito Federal não sendo oriunda e da responsabilidade do povo carioca, não pode ser a culpada de todos os erros e desacertos a que todos nós, lamentavelmente, assistimos. Buscarei provar ainda que em nenhuma ocasião o povo carioca e os seus representantes negaram aos filhos dos demais Estados e a todo o País, a sua colaboração a sua compreensão, a sua assistência e o seu auxílio nos momentos necessários. Num problema de relevância deste, qual seja o da mudança da Capital para o interior do País, poderia parecer que defendíamos a tese de que essa transferência talvez não correspondesse aos legítimos e imediatos interesses da população carioca e do Distrito Federal. Muito ao contrário. Ainda que isso ocorresse, ainda que tal medida redundasse em prejuízo para esta Unidade da Federação nem por isso, deixaríamos de lutar pela interiorização da Capital, porque, — como já disse — esse problema é de muito maior relevância, pois interessa a todo o País.

O Sr. *Georges Galvão* — Permita-me. Desejo nobre colega, justamente frisar o ponto exposto neste último período de sua oração. Nós, os homens do Distrito Federal, os representantes do povo carioca, nascidos nesta Cidade, entendemos

que, quando os interesses do Brasil estão em jogo, não há interesses da Capital da República. Temos a ventura de ver aqui instalada a Capital da República, a maior cidade da Federação, onde há transportes precários, onde há deficiências de hospitais, etc. Mas, também temos, no Rio de Janeiro, uma rede escolar que se pode considerar das melhores; temos uma grande Universidade; temos uma indústria que nos proporciona o segundo orçamento da República; temos, enfim, uma cidade que é a sala de visitas de um País que não tem cozinha. Portanto, desejamos que o Brasil se beneficie com a mudança da Capital, porquanto há que raciocinar em termos de Brasil e não de uma grande cidade.

O Sr. *JOÃO MACHADO* — Muito obrigado pelo aparte com que V. Exa. me honra. Vou terminar estas breves considerações que desejei fazer apenas para que conste dos Arais da Câmara dos Deputados a reafirmação de que o povo carioca e seus representantes bem compreendem os magnos problemas do Brasil e não desconhecem que a mudança da Capital é questão básica que não deve ser esquecida por todos aqueles que se interessam realmente pelo nosso progresso, pela ratificação do conceito de que somos um povo culto e empreendedor.

O Sr. *Wagner Estelita* — Desejo neste aparte, apenas felicitar a V. Exa. pela maneira elevada e nobre com que colocou o problema e especialmente por ter acentuado com muita oportunidade o fato de que a mudança da Capital Federal, ao contrário do que à primeira vista se pode supor, como é óbvio, não apenas aos interesses nacionais mas ainda aos interesses do povo carioca. Eu não poderia, num simples aparte, repetir aquilo que, de público, inclusive pela imprensa, tenho acentuado, ou seja de que a presença da Capital Federal na cidade do Rio de Janeiro representa um prejuízo recíproco — para a

— 85 —

União e para o próprio Distrito Federal.

O SR. JOÃO MACHADO — V. Exa. tem toda razão, e eu não desejaria neste momento descer a pormenores para analisar o problema da mudança da Capital, porque como disse, considero-o da máxima importância. Colhido de surpresa, não me seria possível apresentar os dados com os quais eu pudesse comprovar as afirmações feitas.

Mas, Sr. Presidente, eu acredito que hoje já a Nação Brasileira está até certo ponto esclarecida em relação àquilo que o povo carioca tem feito pelo nosso País e a atuação dos seus representantes nesta Casa.

Não quero descer àquelas críticas feitas com tanta frequência a alguns desacertos cometidos pela representação local, mas quero salientar que a bancada do Distrito Federal, tanto nesta Câmara, como no Senado da República, não tem sido inferior às bancadas das demais Unidades da Federação. Isto é um índice de afirmação e da politização da nossa população, que tem sabido escolher seus representantes, mandando às Casas do Congresso aqueles que à exceção do orador que ocupa a tribuna (*não apoiado*), com tanto brilho tem representado o povo carioca e trabalhado em benefício da população brasileira.

O Sr. Frota Aguiar — V. Exa. honra a representação carioca.

O SR. JOÃO MACHADO — Obrigado a V. Exa.

Assim, Sr. Presidente, sem querer retardar a votação deste projeto, ao contrário, reafirmando a sua necessidade, deixo a tribuna certo de que a Câmara o aprovará imediatamente. (*Muito bem, muito bem. Palmas*).

Durante o discurso do Sr. João Machado, o Sr. Leonardo Barbieri, 2.º Secretário, deixa a cadeira da presidência que é ocupada pelo Sr. Godoi Ilha, 2.º Vice-Presidente.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o Sr. Vasco Filho. (*Pausa*).

Não está presente.

Tem a palavra o Sr. Vasconcelos Costa. (*Pausa*).

Não está presente.

Tem a palavra o Sr. Adauto Cardoso. (*Pausa*).

Não está presente.

Tem a palavra o Sr. Emival Calado.

O SR. EMIVAL CALADO — * — Sr. Presidente, era meu propósito usar da palavra neste instante. Em virtude porém do adiantado da hora e levando também em consideração a promessa gentil do nobre Deputado Aurélio Viana de permuta por ocasião do grande expediente da próxima segunda-feira, reservar-me-ei para, então, com mais vagar e minúcias, focalizar, sob os diversos ângulos, o problema da mudança da Capital Federal. (*Muito bem*).

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o Sr. João Agripino.

O SR. JOÃO AGRIPINO — * — Sr. Presidente, filio-me aos que consideram necessidade inadiável a mudança da Capital da República para o Planalto Central.

Minha disposição é prestar toda a assistência e colaboração à proposição que objetiva a medida.

Tive hoje o primeiro contato, tanto com o projeto oriundo da Mensagem presidencial, como com os pareceres das Comissões de Constituição e Justiça e para a Mudança da Capital. Verifico algumas falhas no projeto, as quais merecem a atenção da Casa. De certo, todos estamos possuídos do desejo de, ao transferir a Capital da República, dar ao Governo flexibilidade e liberdade, para que seus atos não sejam tolhidos pelo sistema burocrático ou pela carência de recursos.

Quem lê a Mensagem presidencial percebe perfeitamente que o plano do Executivo se resume, em linhas gerais, no fato de poder trazer a si ou mais precisamente, à União, o acervo do patrimônio imo-

* Não foi revisto pelo orador.